

Daniela Büchler
Michael Biggs

P

ESQUISA ACADÊMICA em
ÁREAS DE PRÁTICA
PROJETUAL

168

pós-

RESUMO

Em áreas profissionais em que existe uma prática projetual, como é o caso na arquitetura e urbanismo, na academia o conceito de conhecimento não está claramente articulado. Entretanto, algumas das características do conceito de conhecimento parece incluir a valorização da subjetividade; a pluralidade de interpretação; objetos os quais encorpam significados; e aquilo que não pode ser expresso por meio da linguagem. Esses valores correm na contracorrente dos modelos tradicionais de conhecimento e pesquisa que, pela lógica de sua linguagem especial, valorizam a objetividade, a singularidade de interpretação, experimentos a incorporarem explicações teóricas e conceitos que podem ser defendidos coerentemente pelo uso das palavras. Existe, portanto, um problema em representar e justificar pesquisa desenvolvida em áreas de prática projetual, em formatos reconhecidos e valorizados na academia. O presente artigo apresenta um subgrupo de pesquisa acadêmica, particular às áreas de prática projetual – *Practice-based Research* – como sendo problemático e apresenta discussões correntes a respeito da melhor maneira de abordar resultados considerados não-tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa acadêmica, áreas de prática projetual, *Practice-based Research*, arquitetura, contexto europeu.

RESUMEN

En el medio académico de áreas profesionales donde existe una práctica de proyecto, como es el caso de la arquitectura y el urbanismo, el concepto de conocimiento no está claramente articulado. Sin embargo, ese concepto parece incluir la valoración de la subjetividad, la pluralidad de interpretaciones, objetos que incorporan significados, y lo que no puede ser expresado a través del lenguaje. Esos valores están en contraposición a los modelos tradicionales de conocimiento e investigación que, a través de la lógica de su lenguaje específica, valoran la objetividad, la singularidad de interpretación, experimentos que incorporan explicaciones teóricas, y conceptos que pueden ser defendidos de manera coherente a través del uso de palabras. Existe, así, un problema para representar y justificar la investigación científica en áreas de práctica de proyectos, en los formatos que son reconocidos y valorados por la academia. Este artículo presenta como problemático un subgrupo de investigación académica que es particular a las áreas de práctica de proyectos – en inglés, *Practice-based Research* – y trae los debates actuales sobre la mejor manera para abordar resultados considerados no tradicionales.

PALABRAS CLAVE

Investigación académica, áreas de práctica de proyectos, *Practice-based Research*, arquitectura, contexto europeo.

ABSTRACT

In professional areas in which there is an element of design practice such as architecture and urbanism, the paradigm of knowledge has not been clearly articulated in academia. However, the characteristics of the knowledge paradigm appear to include a valorisation of subjectivity; plurality of interpretation; objects that embody meanings; and that which cannot be expressed through language. These values run counter to traditional models of knowledge and research which, through the logic of its special language, value objectivity; singularity of interpretation; experiments that embody theoretical explanations; and concepts that can be coherently argued in words. Thus there is a problem in accounting for research in these areas in ways that will be recognized and valued by the academy. This article presents a sub-group of academic research that is specific to areas of design practice – Practice-based Research – as being problematic, and presents some current debates on the best way of dealing with some results that are considered, in academia, to be non-traditional.

KEY WORDS

Academic research, areas of design practice, Practice-based Research, architecture, european context.

PESQUISA ACADÊMICA E PRÁTICA PROJETUAL

Órgãos de fomento e instituições universitárias com interesse em pesquisa acadêmica tentam definir pesquisa nas áreas projetuais, e como esta pode ser identificada e avaliada. É comum a comunidade acadêmica adotar uma definição de pesquisa tradicional, geralmente aquela origem no modelo científico. Dessa maneira, o modelo tradicional científico é o que se configura hoje como o mais dominante na área acadêmica. Entretanto, pode-se prever que um modelo científico não ofereça a melhor estrutura para se definir pesquisa nas humanidades (GIBBONS et al, 1994).

O órgão de fomento britânico Conselho de Pesquisa das Artes e Humanidades (Arts and Humanities Research Council ou AHRC) financia pesquisa acadêmica nas áreas das humanidades e das artes. O conselho adota uma definição de pesquisa que a considera, primordialmente, em termos de seus processos e não em termos de seus resultados (AHRC, 2006). Essa definição de pesquisa acadêmica foi construída em torno de três aspectos-chave e qualquer pedido de auxílio deve responder aos três integralmente, para ser considerado elegível ao fomento desse órgão.

Primeiro, o projeto de pesquisa deve definir uma série de questões, temas ou problemas que serão abordados ao longo da pesquisa. Deve também definir metas e objetivos os quais almejem incrementar o conhecimento e a compreensão com relação às questões, temas ou problemas abordados. Segundo, a proposta de pesquisa deve especificar um contexto de pesquisa em que as questões, temas ou problemas serão abordados. O pesquisador deve especificar: por que é importante as questões, temas ou problemas serem considerados; outros estudos ou pesquisas os quais estão sendo ou já foram desenvolvidos na área; e a contribuição particular que o projeto trará para o avanço da criatividade, *insight*, conhecimento e compreensão na área. Por último, a proposta de pesquisa deve especificar os métodos que serão usados para estudar e responder às questões, temas ou problemas. Deve-se declarar como, no decorrer do projeto de pesquisa, o pesquisador pretende responder às questões, aos temas ou problemas. Também deve explicar a razão pela escolha do método e por que considera que este oferecerá o meio mais apropriado de analisar as questões, temas e problemas da pesquisa (AHRC, 2006, p. 19).

Essa definição de pesquisa traz, em si, uma distinção entre pesquisa acadêmica e prática profissional que fica explícita, se forem considerados os resultados e processos adotados nas pesquisas. Ainda de acordo com essa definição de pesquisa, resultados projetuais podem ser produzidos, ou, então, pode-se exercer a prática profissional como uma etapa integral do processo de pesquisa acadêmica. O AHRC esperaria, entretanto, essa prática profissional ser acompanhada de alguma forma de documentação do processo de pesquisa, assim como de alguma forma de análise textual ou explicação que sustentasse a posição teórica ou demonstrasse reflexão crítica. Da mesma maneira, pode ser

que a prática profissional e projetual não envolva tal processo e, nesse caso, essa proposta de pesquisa não seria considerada elegível para o fomento do órgão financiador de pesquisa acadêmica.

Esse modelo de pesquisa publicado pelo AHRC é essencialmente um modelo focado no processo de produção da pesquisa e constituído pelo mesmo (*process-model*), que possibilita a separação entre o formato da pesquisa e seu conteúdo, e pretende facilitar a inclusão de material não-tradicional na pesquisa acadêmica. Essa separação é uma vantagem, pois quando o método científico ou a comunicação via a tradicional tese textual são vistos como indicadores de pesquisa válida, inibe-se a exploração de outros formatos alternativos, que poderiam ser mais adequados à comunicação do conhecimento, particular às áreas de prática projetual. Desse modo, é possível compensar o caráter geral da definição do AHRC que não considera, por exemplo, o caso das áreas nas quais existe uma prática projetual, e os resultados de uma pesquisa, muitas vezes, são não-lingüísticos ou não-verbalizáveis, ou seja, não se apresentam como discurso verbal clássico.

Na tentativa de esclarecer o que seria uma pesquisa que respondesse às normas da pesquisa acadêmica dentro das áreas de prática projetual, o AHRC faz uma pergunta mais fundamental na tentativa de soar menos “científico”: Qual a contribuição que seu projeto fará na direção de melhorar, aumentar ou desenvolver a criatividade, o *insight*, o conhecimento ou a compreensão em sua área de estudo? Essa pergunta é sistematicamente estudada, desmembrada e reconstruída para torná-la o mais inclusiva possível, a fim de acomodar os resultados e processos inerentes às áreas de prática projetual.

Essa pergunta já foi desmembrada por Biggs e Büchler (2007, 2008) e conclui-se que existem particularidades dentro das áreas de prática projetual que tornam a questão ambígua e carente de maior reflexão para ser uma pergunta relevante. A ambigüidade da pergunta acima no tocante às áreas de prática projetual aparece, por exemplo, em relação à necessidade a qual determina que a pesquisa desenvolva o “conhecimento” em dada área. Existe uma dimensão do requisito conhecimento, condicionada ao contexto e, portanto, ao entendimento do que seja conhecimento relevante para e naquele contexto. Nesse sentido, por existirem diferentes definições e concepções do que seja conhecimento, existirão diversas formas de conhecimento que serão aceitos como relevantes. O problema surge quando, como se apresenta o caso do conhecimento nas áreas de prática projetual, o conteúdo desse conhecimento específico vem, também, em um formato específico à área.

O conceito de “conhecimento” deve, dentro da pesquisa acadêmica, ser entendido como aquilo que é transferível e comunicável e não beneficie apenas o praticante, como pode ocorrer na prática profissional. Nesta, aquele conhecimento tácito ou advindo da experiência de projetar-se que é sabido, mas não comunicado, representa uma contribuição original para o profissional; porém, por ser tácita, só beneficiará aquele profissional e não a comunidade como um todo (BIGGS, 2004). Esse exemplo apresenta algumas das distinções e incongruências entre a definição genérica de pesquisa acadêmica e a prática projetual as quais servem para indicar que essa relação e a definição da primeira devem ser aprofundadas.

A RELAÇÃO PESQUISA ACADÊMICA/PRÁTICA PROJETUAL: INGLATERRA E BRASIL

Existe, atualmente na Europa, e mais particularmente na Inglaterra, um debate em que se discute se a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual seria de alguma maneira distinta da pesquisa acadêmica desenvolvida em outras áreas. O debate teve seu início com a abertura e o relaxamento, por parte dos órgãos de fomento britânicos, das normas as quais definem a pesquisa acadêmica. Iniciativas como o AHRC, o Conselho Inglês das Artes (Arts Council of England ou ACE) e o Exercício de Avaliação de Pesquisa (Research Assessment Exercise ou RAE) financiam pesquisa acadêmica em áreas de prática criativa e/ou projetual¹ e, por isso, têm interesse em especificar o que caracteriza uma pesquisa como merecedora de titulação ou financiamento.

Essa abertura veio como consequência do remanejamento e reclassificação das escolas politécnicas britânicas. Em 1992 as antigas politécnicas britânicas, com perfil técnico-vocacional, foram elevadas a *status* de universidade. A distinção entre a universidade e as antigas politécnicas é que as primeiras têm o poder de conceder títulos quando, anteriormente, esse poder ficava nas mãos de um órgão governamental, o Conselho de Títulos Acadêmicos Nacionais (Council for National Academic Awards ou CNNA). Com essa alteração, certos critérios claros e universais para grande parte das disciplinas começaram a ser questionados na busca de definições as quais abrangessem aspectos específicos da prática projetual e criativa como arquitetura, artes plásticas e cênicas, música, design, etc. Conceitos que obedeciam a uma convenção existente dentro da estrutura de pesquisa acadêmica tradicional como “conhecimento”, “criatividade”, “referência”, “método”, “público”, etc., começaram a ser questionados e explorados. A tentativa era de estender-se conceitos próprios do modelo científico para abranger áreas das humanidades. Certas tentativas de sucesso, mas que ainda incitam crítica, são os termos híbridos: “conhecimento tácito e experiencial” (*tacit and experiential knowledge*) (POLANYI, 1964), “praticante refletivo” (*reflective practitioner*) (SCHÖN, 1991) e “teoria derivada dos dados” (*grounded theory*) (STRAUSS; CORBIN, 1990).

Essa busca da redefinição se deu pontualmente, nas várias universidades, cada qual respondendo às demandas de sua comunidade de pesquisa, de seu público-alvo, ou seja, de seus doutorandos e orientadores (por exemplo: University of Coventry, U. Dundee, U. West of England, U. of the Arts London). O RAE, como órgão regulador e avaliador de pesquisa para a concessão de fomento, publicou um conjunto de critérios para avaliar qualidade em pesquisa para a comissão que lida com as áreas de prática projetual e criativa: *Panel criteria and working methods: Panel O* (ERA, 2006).

Ao avaliar a pesquisa que se produz nas diversas áreas, as comissões da RAE buscam atribuir notas de 1* (uma estrela) a 4* (quatro estrelas) e libera fundos para o próximo período quinquenal, de acordo com essas notas. Entretanto, a distinção qualitativa entre as notas não é considerada clara, especialmente entre 2* e 3*, descritas como definindo pesquisa a demonstrar “Qualidade que é internacionalmente excelente em termos de originalidade, significado e rigor mas que, no entanto, não atinge os mais altos padrões de

(1) Vale salientar que, na Inglaterra, a classificação entre design, prática criativa e prática projetual arquitetônica segue uma distinção existente da língua inglesa. “Design” é usado para descrever a “atividade projetual”, assim como a área que no Brasil chamamos de “design industrial”. Na Inglaterra, tanto no mundo profissional quanto acadêmico, deve usar-se o termo “design” com particular atenção à sua distinção com o termo “artes”. No Brasil, a distinção sensível e, de fato, terminologicamente diferente, existe entre “design” e “arquitetura”. Quando desejam se referir ao que chamamos de “áreas de prática projetual”, usam, freqüentemente, *art and design, creative industries* a até *cultural and creative industries*. Dessa maneira, os termos “design” e “prática criativa” usados neste texto referem-se, o primeiro, à atividade projetual e não ao design industrial como distinto da atividade projetual arquitetônica, e, o segundo, à área de prática projetual e não à “criatividade” ou ao “ato de ser criativo” na prática projetual.

(2) "Quality that is internationally excellent in terms of originality, significance and rigour but which nonetheless falls short of the highest standards of excellence e Quality that is recognized internationally in terms of originality, significance and rigour."

excelência" e "Qualidade que é reconhecida internacionalmente em termos de originalidade, significado e rigor"² (RAE, 2006, p. 75).

Alguns críticos sugeriram fazer uma separação entre dois tipos de pesquisa de doutorado nas áreas de arte e design: uma, sendo denominada de *practice-led*, ou pesquisa guiada pela prática, e a outra sendo a pesquisa tradicional (SCRIVENER, 2004). Essa separação corresponde aos diferentes caminhos para pesquisa, por exemplo: traçados por varias instituições (e.g. Coventry, Dundee, Oxford Brookes, etc.) para atribuírem o mesmo título: o PhD em áreas de prática projetual. Outras instituições (como a Kent Institute) modificaram as exigências tradicionais para suas teses, passando a exigir apenas um argumento, ou em favor apenas da documentação do processo projetual. A documentação do processo é largamente preferida nas áreas como a dança, que fica claro no exemplo da iniciativa a qual propõe a apresentação como pesquisa: o grupo denominado Prática como Pesquisa em *Performance (Practice as Research in Performance* ou PARIP). Existe, também, o contexto não-analítico do trabalho em filosofia pós-modernista (DELEUZE; GUATTARI, 1988) que problematiza a relação da linguagem com o pensamento e com a ação.

É certo, portanto, que um dos resultados dessa busca foi o surgimento de diversos conceitos de qualidade e entendimentos dos critérios, antes irreduzíveis, definidores da pesquisa acadêmica como tal. Existe, hoje, no Reino Unido, vários modelos de tese de doutorado, que incluem do tradicional documento encadernado à possibilidade de entregar-se apenas uma obra de arte ou montar um exposição acerca da qual se debate pontos teóricos em uma defesa de tese (UKCGE, 1997, §5.3). O problema criado por essa situação é o da inexistência de critérios claros do que é pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual e a questão sobre qual seria o papel da prática projetual e criativa na pesquisa acadêmica.

Na estrutura do ensino superior em arquitetura no Brasil existe uma divisão entre disciplinas que lidam com teorias e fundamentos da arquitetura, com aspectos da técnica e tecnológicos e com a prática projetual. Na FAUUSP, por exemplo, essa divisão está refletida nos departamentos denominados: AUH (Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto), AUT (Departamento de Tecnologia da Arquitetura) e AUP (Departamento de Projeto). Ocorre que, no caso do AUH e do AUT, a passagem do ensino das disciplinas de cada departamento para a pesquisa dos assuntos que cada um aborda é direto. Por exemplo, no AUH pode-se criticar a obra arquitetônica e no AUT pode-se avaliar construções, materiais e processos produtivos. Entretanto, é comum que as pesquisas desenvolvidas no departamento AUP usem métodos ou abordem questões típicas dos outros dois departamentos, sendo difícil considerar, por exemplo, a prática projetual em si, a prática como elemento gerador de conhecimento ou o conhecimento não-explícito advindo dessa prática. Torna-se importante considerar se existirá, na pesquisa acadêmica da prática projetual, questões fundamentalmente diferentes daquelas hoje consideradas com êxito pelo uso de modelos de pesquisa tradicionais como os positivistas ou construtivistas, por exemplo (GUBA; LINCOLN, 2005). Foi possível visualizar essa questão quando, no Reino Unido, as politécnicas passaram a universidades e as grades curriculares foram reestruturadas. Dentro das novas grades, cada disciplina tinha seu contraponto de pesquisa acadêmica e foi

possível, naquele momento, identificar uma lacuna na descrição da pesquisa acadêmica que seria desenvolvida nos departamentos os quais lecionavam a prática projetual.

Mais uma particularidade da situação brasileira da pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual é que a atividade acadêmica é comumente conduzida por profissionais praticantes tanto do projeto quanto da pesquisa. Perrone (2001) já explorou a bipolaridade entre a pesquisa e a prática projetual e explicou que o surgimento de expressões como “projeto-tese” demonstra essa questão no trabalho do arquiteto-pesquisador brasileiro. O arquétipo do arquiteto-pesquisador descreve aquele profissional que, diante da realidade brasileira, projeta, leciona e desenvolve pesquisa acadêmica. Essas atividades são desenvolvidas concomitantemente dentro do conceito do arquiteto-pesquisador. Entretanto, não está claro qual o impacto de uma na outra – se a prática projetual se beneficia da pesquisa acadêmica ou se um praticante contribui, de forma única, para a pesquisa acadêmica que desenvolve em sua área de conhecimento. O certo é: dentro do modelo atual que define a produção acadêmica, é feita uma distinção entre o resultado da prática e o da pesquisa.

Dentro da plataforma Lattes, por exemplo, o resultado da prática projetual entra como produção técnica e não-acadêmica. Isso cria restrições para o fomento à pesquisa. O profissional que não contar com produção acadêmica suficiente não será financiado por órgãos de fomento à pesquisa e terá, portanto, de recorrer a outras formas de financiamento. Nessa situação, é provável e comum que o profissional tenda a desenvolver pesquisa mais prática e com aplicações comerciais, mas não tenha condições de desenvolver pesquisa teórica e fundamental, modalidade de pesquisa essa que serve para o crescimento da massa crítica acadêmica na área (FRIEDMAN, 2004). Portanto, apesar de surgir por razões diferentes, tanto no Reino Unido quanto no Brasil, a relação entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional surge como problemática.

PROBLEMÁTICA APRESENTADA PELO CONCEITO DE *PRACTICE-BASED RESEARCH*

Essa relação, na Inglaterra suscitou o termo *Practice-based Research* (PbR), que poderíamos traduzir como “Pesquisa embasada na prática” e, por si só, ele provoca uma série de mal-entendidos e desacordos. Não está claro, por exemplo, qual a proporção ou contribuição projetual à pesquisa acadêmica que caracterizaria tal subgrupo de pesquisa. Também não é persuasivo o conceito inverso, de a pesquisa acadêmica não ter um aspecto prático. Mesmo a pesquisa acadêmica desenvolvida dentro das tradicionais disciplinas científicas contém elementos práticos como experimentos, levantamentos de dados e entrevistas, por exemplo. O contexto histórico do PbR já foi resumido por Bird (2000). Vários artigos críticos que expressam posições diversas quanto a esse subgrupo também foram disseminados pela National College of Art and Design (NCAD) em Dublin, Irlanda. Na Europa o PbR é reconhecido e correntemente discutido; entretanto, apesar de existir, essa modalidade não está claramente demarcada no Brasil.

Na Conferência Latino-Americana de Escolas e Faculdades de Arquitetura, Perrone (2001) discutiu a questão da pesquisa na área do projeto de arquitetura. Para ele, existe uma preocupação com o entendimento das relações entre pesquisa e projeto; expôs duas opiniões correntes sobre a relação entre pesquisa acadêmica e prática projetual na área da arquitetura. O primeiro ponto de vista está refletido em debates conduzidos nas disciplinas de arquitetura, design e urbanismo, em que um grande número de acadêmicos compreendem, como trabalhos de pesquisa, aqueles os quais “possuam um método e/ou um tratamento sistemáticos capazes de estabelecer reflexões ou conclusões acerca de alguns objetos de estudo” (PERRONE, 2001, p. 1). O outro ponto de vista advindo dos praticantes da atividade projetual defende “as atividades de projeto como atividades de pesquisa” (PERRONE, 2001, p. 1).

É possível inferir do primeiro grupo de acadêmicos que seu argumento defende ser possível várias outras disciplinas contribuírem para a pesquisa da arquitetura. Por outro lado, os adeptos do segundo argumento mantêm que, como o projeto arquitetônico é o objeto de pesquisas acadêmicas nessa área, esse só pode ser conhecido e, portanto, investigado a fundo pelo próprio arquiteto. Se realizado por pesquisador de outra área, corre o mesmo risco de quando tentamos fazer uma interpretação econômica sem sermos economistas, “tentamos fazer uma interpretação sociológica, sem sermos sociólogos, e assim por diante” (SANOVICZ, 1990, p. 111). Perrone concluiu sobre esse debate acerca da relação prática/pesquisa dizendo que reflete as incertezas sobre a produção do conhecimento em instituições de ensino superior de arquitetura.

A contribuição da prática projetual, na pesquisa acadêmica, pode ser descrita como um espectro composto de dois pólos extremos e da longa e variável gama de possíveis combinações entre os dois; existe, nos dois pólos extremos, a possibilidade da prática exploratória dentro do modelo de pesquisa acadêmica tradicional e da prática como geradora de questões relevantes a serem exploradas por meio da estrutura acadêmica do modelo tradicional. Este estudo considera a relação problemática que ocupa a posição central no espectro da relação prática projetual / pesquisa acadêmica. Essa relação é problemática por reger que a prática projetual é a pesquisa acadêmica.

A primeira relação entre prática projetual e pesquisa acadêmica existe dentro do modelo tradicional de pesquisa acadêmica, notoriamente o científico, no qual o papel da prática é exploratória. Nessa relação cria-se hipóteses e busca-se maneiras de investigar essas possibilidades por meio de experimentos, modelos, entrevistas, croquis, observações, etc. O outro pólo da relação prática/pesquisa existe dentro da prática projetual em que, no processo projetual, o praticante se cerca do maior número de informações relevantes à resolução do problema projetual, na esperança de chegar a um *insight* da solução. Dentro desse modelo, a prática projetual contribui para a pesquisa acadêmica como geradora de questões relevantes no contexto da prática, as quais, devem, então, ser investigadas dentro dos moldes dominantes da pesquisa acadêmica.

A relação problemática entre prática projetual e pesquisa acadêmica surge quando o conhecimento original, a resultar da prática projetual em si, contribui para o avanço daquela comunidade. Descreveu-se acima que a contribuição de conhecimento original a uma comunidade é o critério central e definidor da pesquisa acadêmica. Seria, portanto, lógico, concluir que a prática projetual a

qual contribuísse para a área, dessa maneira, fosse pesquisa acadêmica. Dentro desse modelo de relação entre a prática projetual e a pesquisa acadêmica a primeira é igual à outra e, assim sendo, Picasso poderia ter recebido um título de doutor por sua *Demoiselles D'Avignon* (1907).

Podem ser construídos dois argumentos acerca da razão pela posição particular que a prática projetual ocupa na pesquisa acadêmica naquelas áreas. Perrone (2001) já defendeu que aquilo a tornar esse subgrupo de pesquisa particular seria a formação “não-conformista” do praticante a fazê-lo resistir à sistematização necessária à pesquisa acadêmica. Esse argumento classificaria a área de prática projetual como especial e merecedora de certas concessões. Essa posição sugeriria que pesquisas desenvolvidas nessa área deveriam gozar de privilégios especiais pela área ser, de algum modo, diferenciada. Biggs e Büchler (2008) preferem o argumento que sugere o contrário: essa subárea não é diferente das demais áreas nas quais se conduz pesquisa acadêmica e, por essa razão, se os praticantes desejam critérios diferentes (como o projeto como tese) devem apresentar argumento o qual defenda o uso de conceituações alternativas e não a suspensão dos critérios estabelecidos. Essa posição sugere que as áreas de prática projetual seriam, dentro da pesquisa acadêmica, diferentes, porém iguais.

Este artigo propõe uma conciliação entre as duas posturas e defende ser necessário despir os conceitos definidores de pesquisa acadêmica para sua essência poder ser reconsiderada à luz das particularidades da prática projetual. É necessário, portanto, que conceituações aceitas dentro da comunidade de praticantes sejam incorporadas ou consideradas, quando critérios para pesquisa acadêmica nessas áreas são estabelecidos.

O aceite da prática como pesquisa cria problemas objetivos. O que torna esse tipo de pesquisa potencialmente problemática para seu reconhecimento como uma produção acadêmica é o não-tradicional de seus resultados. Outro problema é a especificidade de vários dos conceitos usados nas áreas de prática projetual.

Conceitos exclusivos estão nos entendimentos nas áreas projetuais de “conhecimento”, “disseminação”, “comunicação”, “rigor” e “artefato” para citar apenas alguns exemplos. Noções de “conhecimento” em suas várias formas e manifestações, já foram discutidas por Newbury, 1996. A questão do conhecimento, da disseminação e da comunicação por meios não-tradicionais foi discutida na segunda conferência internacional sobre *Practice-based Research* – Research into Practice Conference – em 2002. Os artigos foram disseminados na revista indexada *Working Papers on Art and Design*³ (2002) e o tema vem sendo investigado no Projeto Conhecimento e Comunicação Não-tradicional (*Non-traditional Knowledge and Communication Project*) na University of Hertfordshire⁴. A questão do “rigor” acadêmico em pesquisas nas áreas de prática projetual já foi discutido por Wood (2000) e Biggs e Büchler (2007) em dois dos poucos textos que tratam, especificamente, dessa questão nessa área acadêmica. Agências governamentais que regulam a qualidade de cursos de graduação e pós-graduação, como a britânica Agência de Garantia de Qualidade (Quality Assurance Agency ou QAA), exigem a observação do rigor nas atividades acadêmicas, compreendidas como o ensino e a pesquisa, mas não fornecem clara definição do termo. O papel do “artefato” na pesquisa acadêmica foi o

(3) Disponível em: <http://sitem.herts.ac.uk/artdes_research/papers/wpades/index.html>.

(4) Disponível em: <<http://r2p.herts.ac.uk/ntkc/index.html>>.

tema da terceira Research into Practice Conference, em 2004 e artigos seletos foram publicados *on-line* na revista indexada *Working Papers on Art and Design* (2004).

Na Europa existem, hoje, coleções de teses de doutorado *practice-based* e pesquisas financiadas por órgãos de fomento à pesquisa, que se autoproclamam *practice-based*. Entretanto, mesmo no Reino Unido, onde o PbR é reconhecido há mais tempo, ainda existe considerável divergência acerca do que constitui um PbR, assim como o que constitui indicadores de excelência em pesquisa acadêmica. Evidência dessa situação está nas divergências entre os grupos de pares em arte e design sobre o papel da prática projetual e criativa na revisão quinquenal de pesquisa nacional britânica, o RAE, e nos debates em listas de discussões acadêmicas como a *PhD Design* (PHD-DESIGN@jiscmail.ac.uk) e a *Practice-led Research* (AHRC-PL-REVIEW@jiscmail.ac.uk).

Essa constatação faz surgir a indagação da possibilidade de a Europa estar ganhando vantagem acadêmica ao conduzir PbR. Entretanto, essa questão não pode ser diretamente respondida devido às divergências a respeito de critérios. Sem a definição de claros e indiscutíveis critérios, a questão do PbR é circular e viciosa. Por exemplo, os números estatísticos dos doutorados PbR não fornecem um panorama preciso sobre se esses doutorados acatam ou não um grupo (por mais que estendido) de critérios, compatíveis (e comparáveis) com os da pesquisa acadêmica.

Os critérios desenvolvidos para atender a esse subgrupo, compreendido como o das áreas de prática projetual, teriam de ser diferentes dos critérios normalmente aplicados ao modelo científico de pesquisa acadêmica para dar conta de noções particulares e específicas à prática projetual. O que isso significa, na prática, é: se fosse feito um mapeamento de PbR mundial, segundo os tradicionais critérios de pesquisa acadêmica em uso, hoje, seria provável que não fosse identificado sequer um exemplo de PbR. Isso é devido ao fato de o PbR, por definição e em princípio, desviar-se dos critérios centrais normalmente usados para qualificar pesquisa acadêmica como tal.

Assim sendo, ao se considerar a possibilidade do PbR, seria necessário problematizar a noção desse subgrupo de pesquisa acadêmica e verificar se a extensão dos critérios, de maneira a incorporar as noções específicas a esse subgrupo, traria vantagem, ou, se apenas acabaria por diluir a pesquisa acadêmica de qualidade. Pesquisa reconhecida como acadêmica nessa área é essencial para conceder credibilidade às disciplinas as quais envolvam prática projetual. O problema surge quando fica claro que por pesquisa reconhecida como acadêmica entende-se aquela a cumprir as tradicionais normas de pesquisa vigentes.

Em 2003, o Conselho Britânico de Educação Superior (United Kingdom Council for Graduate Education ou UKCGE) encomendou um relatório sobre o PbR. O relatório identificou três princípios fundamentais de pesquisa de doutorado: “contribuição para o conhecimento e entendimento”, “conhecimento crítico dos métodos de pesquisa” e “[*estar*] sujeito a um exame oral conduzida pelos assessores apropriados”⁵ (UKCGE, 1997, §2.2).

Tal análise se encaixa na reavaliação das presunções sobre o doutorado no Reino Unido. Essa reavaliação dos critérios pressupostos para a pesquisa de

(5) Os três pontos fundamentais no inglês original: “*contribution to knowledge and understanding*”; “*critical knowledge of the research methods*”; “[*be*] subject to an oral examination by appropriate assessors”.

(6) “*What is needed is a set of nationally agreed definitions of standards for the award of doctorates (see below) framed in such a way that they are sufficiently rigorous to secure demonstration of the qualities outlined at 3.2 above, but sufficiently inclusive to allow all subjects to find expression within them.*”

doutorado veio em consequência da expansão das disciplinas universitárias para a inclusão das disciplinas não-tradicionais como Arte e Design. A intenção da reavaliação era diferenciar o conteúdo fundamental do formato no qual estava sendo entregue, isto é, a tese textual. A análise pretendia facilitar a identificação de qualidades que pudessem ser demonstradas de modo não-texto ou *practice-based*. Como resultado, várias áreas contenciosas foram identificadas e a conclusão a qual se chegou foi:

(7) *“This inclusive model would involve either demonstrating/accepting that the activities and outcomes outlined in earlier sections could reasonably be seen as consistent with a traditional scientific model, or broadening the model so as to encompass the entire continuum from scientific to practice-based research. This would entail re-defining the former in general terms of, for instance, the acquisition of relevant data, the exercise of critical and analytical skills, sustained and coherent argumentation, and clarity and (relative) permanence in presentation, rather than in the narrower terms of formation and testing of hypotheses. Such shifts, which have occurred already in the system across all manner of disciplines, perhaps need to be formally acknowledged and embraced. It would follow from this approach that the creative process involved in practice-based doctorates can be seen as a form of research in its own right and, as such, as equivalent to scientific research. Thus, the product and associated creative process presented as part of the doctoral submission can be viewed as demonstrating the defining competences of doctorateness in the ‘same way’ as in a traditional research based submission.”*

“O que se precisa é um conjunto de definições nacionalmente aceitas de padrões para a titulação de doutorados (ver abaixo) enquadrados de tal maneira que sejam suficientemente rigorosas para garantir a demonstração das qualidades listadas em 3.2 acima, mas suficientemente inclusivas para permitir a todas as disciplinas achar expressão dentro delas.”⁶ (UKCGE, 1997, §4.3).

O relatório também identificou como isso poderia ser alcançado:

“Esse modelo inclusivo envolveria a demonstração/aceitação que as atividades e resultados descritos em seções anteriores pudessem razoavelmente ser vistos como consistentes com o modelo tradicional científico, ou a expansão do modelo para que contenha todo o continuum do modelo científico para o practice-based research. Isso envolveria a redefinição do primeiro em termos gerais, por exemplo, a aquisição de dados relevantes, o exercício de habilidades críticas e analíticas, argumentação sustentada e coerente, e clareza e (relativa) permanência na apresentação, ao invés de nos termos mais estreitos da formação e teste das hipóteses. Tais mudanças, que já ocorreram no sistema através de toda sorte de disciplina, talvez tenha que ser formalmente reconhecida e assumida. Segue desta abordagem que o processo criativo envolvido nos doutorados practice-based podem ser vistos como uma forma de pesquisa por si só e, como tal, equivalente à pesquisa científica. Portanto, o produto e processo criativo associado a ele como parte da submissão do doutorado pode ser visto como uma demonstração das qualidades definidoras da doutoralidade ‘da mesma maneira’ que ocorre em uma submissão de pesquisa tradicional.”⁷ (UKCGE, 1997, §4.4)

Nessa recomendação, resultante do exame do PbR, é sugerido que existiria um benefício em estudar-se o PbR, uma vez que este não seria um subgrupo, mas uma outra abordagem à pesquisa acadêmica, como o é a abordagem científica. No relatório também foi ressaltada a existência de um grande número de projetos nas humanidades em geral que, a rigor, não se enquadram no modelo tradicional e/ou científico de pesquisa. Essas pesquisas desenvolvidas nas várias áreas das humanidades (e não apenas nas áreas de prática projetual) estão evoluindo em direção ao modelo proposto para o PbR.

É possível concluir, portanto, que a exploração sistemática, de maneira a desmembrar o conceito tradicional de pesquisa acadêmica, para remontar um modelo de pesquisa mais condizente com as necessidades das áreas de prática projetual, é de grande valia e apresenta potencial ao incremento da vantagem competitiva para a nação que estiver envolvida na estruturação de tal modelo.

ACADEMIA E PRÁTICA: UMA SOLUÇÃO

As exigências da academia podem ser descritas por quatro critérios interligados que identificam e condicionam a pesquisa acadêmica como tal (BIGGS; BÜCHLER, 2008). Identificamos também quatro questões as quais surgem como problemáticas no desenvolvimento dessa pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual. Os quatro critérios formam o miolo do modelo o qual também caracteriza os modelos tradicionais e dominantes de pesquisa acadêmica, e, como tal, são comparáveis à pesquisa em outras áreas. É inevitável uma pesquisa constar de perguntas e resultar em respostas. O meio pelo qual se passa da pergunta para uma resposta aceitável e relevante dita o método. Aquilo que é visto como uma pergunta relevante, uma resposta aceitável e um método válido está condicionado ao conceito de conhecimento que uma comunidade adota. Portanto, “pergunta”, “resposta”, “método” e “conhecimento” são elementos relacionados dentro de modelos de pesquisa e servem para identificar a pesquisa acadêmica como tal.

O que nos interessa, ao considerarmos o papel da prática projetual, são as questões surgidas quando se tenta desenvolver pesquisa acadêmica nessas áreas. A maioria das comunidades de pesquisa aceitariam o grupo de quatro critérios apresentado acima, mas as quatro questões a seguir são de particular interesse dos praticantes. Uma primeira questão diz respeito ao papel do texto e da imagem, ou do elemento não-textual o qual resulta da atividade projetual. Essa questão do texto e do não-texto leva a um questionamento da relação entre forma e conteúdo da pesquisa. A questão da retórica e do repertório conceitual de cada comunidade, assim como a questão da manifestação e relevância da experiência pessoal, seja do praticante, seja do público que experiencia a obra, possui uma posição particular na prática projetual que não é refletida em modelos tradicionais de pesquisa acadêmica.

Para ser possível justificar o uso do elemento não-textual ou não-lingüístico de sua prática na pesquisa acadêmica, os praticantes devem encontrar um papel necessário e suficiente para esse elemento. Imagens não são sempre necessárias para defender uma tese e podem ser diferenciadas: ilustrativas, demonstrativas, explicativas. Esses papéis diferentes para a imagem reforçam uma diferença entre a prática projetual e a pesquisa acadêmica, na qual a segunda busca tecer considerações explícitas, o que, dentro do modelo de pesquisa tradicional, é feito com maior eficácia por meio do texto.

O relacionamento entre o textual e o não-textual pode ser visto como um relacionamento entre forma e conteúdo. Apesar de ser provável que palavras sejam necessárias para a eficaz defesa de um argumento acadêmico, poderíamos perguntar: por que existe um número determinado de palavras para uma tese de doutorado; por que esse número e por que consideramos que as palavras são necessárias? Para responder a questões como essas, é preciso levar em conta o modelo de conhecimento que aquela comunidade adota, e, portanto, qual meio seria necessário para comunicá-lo. Para isso é preciso considerar o que a tese de doutorado está tentando fazer. É preciso distanciar-se da forma prescrita da tese e considerar o que o conteúdo tenta fazer por meio do processo de pesquisa, antes de poder afirmar: “esse” formato é melhor que “aquele”.

A terceira questão de relevância para os praticantes diz respeito à função da retórica, pela qual queremos dizer o ato de “constituir coisas pela linguagem” e não de “ser persuasivo”. Como tal, a retórica se refere ao impacto que a linguagem exerce sobre o que podemos ou não pensar (WITTGENSTEIN, 1971, §5.6). Isso significa que como algo é dito ou até o fato de falar já começa a direcionar nossos pensamentos de uma maneira específica. Essa parece ser uma preocupação de muitos praticantes a alegarem que o potencial descritivo, argumentativo e do resultado nas áreas visuais pode ser o comprometer-se ao falar-se sobre o assunto, pois esses aspectos da criação não compartilham, necessariamente, da estrutura linear da linguagem.

Finalmente, a função da experiência é, freqüentemente, considerada a mais importante contribuição da prática projetual ou dos resultados dessa prática, e, por isso, seria o componente essencial da pesquisa. Entretanto, a experiência apresenta um componente problemático para a pesquisa acadêmica por causa de sua subjetividade filosófica, ou seja, pelo fato de ela relacionar-se à experiência pessoal do indivíduo. O que é experiencial está na primeira pessoa e, conseqüentemente, não é transferível; por conseguinte, apresenta um problema para a disseminação do conhecimento proveniente dessa experiência. A pesquisa acadêmica exige que as contribuições realizadas sejam não-ambíguas; sendo assim, a falta de transparência e clareza da comunicação do componente experiencial apresenta dificuldades para a inclusão da experiência na pesquisa.

Diante desses problemas e das incertezas quanto ao papel da prática e dos resultados e processos não-tradicionais na pesquisa acadêmica, propomos ser conduzida uma exploração sistemática, de maneira a desmembrar o conceito tradicional de pesquisa acadêmica para remontar um modelo de pesquisa mais condizente com as necessidades das áreas de prática projetual.

BIBLIOGRAFIA

- AHRC, *Research Funding Guide 2006/7*. Bristol: AHRC, 2007.
- BIGGS, M. A. R. Learning from experience: Approaches to the experiential component of practice-based research. *Forskning-Reflektion-Utveckling*. Estocolmo: H. Karlsson Swedish Research Council, 2004.
- BIGGS, M. A. R.; BÜCHLER, D. M. Rigour and Practice-based Research. *Design Issues*, Cambridge-Massachusetts, v. 23, n. 3, p. 62-69, 2007.
- BIGGS, M. A. R.; BÜCHLER, D. M. Architectural Practice and Academic Research. *Nordic Journal of Architectural Research*, Cambridge-Massachusetts, v. 20, n. 1, p. 83-94, 2008.
- BIGGS, M. A. R.; BÜCHLER, D. M. Eight criteria for Practice-based Research in the creative and cultural industries. *Art, Design and Communication in Higher Education*, Cambridge-Massachusetts, v. 7, n. 1, p. 5-18, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. Tradução de B. Massumi. Londres: Athlone Press, 1988.
- FRIEDMAN, K. Art, design and research: The new challenges of the making disciplines. In: REFSUM, G.; BUTENSCHON, P. *Kunsthøgskolen I Oslo Årsbok 2004*. Oslo: National College of the Arts, 2004.
- GIBBONS, M. et al. *The new production of knowledge: The dynamics of science and research in contemporary societies*. Londres: Sage Publications, 1994.
- GUBA, E.; LINCOLN, Y. Paradigmatic controversies, contradictions and emerging confluences. In: DENZIN, N. M.; LINCOLN, Y. *Sage handbook of qualitative research*. Londres: Sage, 2005.

- KATINSKY, J. R. Considerações sobre o curso de pós-graduação da FAUUSP. *Revista Pós*, São Paulo, n. 1, p. 90-99, 2000.
- KATINSKY, J. R. Pesquisa acadêmica na FAUUSP. *Revista Pós*, São Paulo, n. 1, p. 72, 2005.
- LAMPARELLI, C. M. Metodologia de pesquisa aplicada à arquitetura e ao urbanismo: Uma experiência pedagógica no programa de mestrado da FAUUSP. *Cadernos de pesquisa LAP*, São Paulo, n. 15, p. 1-61, 1997.
- NEWBURY, D. Knowledge and Research in Art and Design. *Design Studies*, Amsterdã, 17, n. 2, p. 215-219, 1996.
- PERRONE, R. A. C. A pesquisa em projeto e o projeto como pesquisa. *Apresentações/Ponências do XIX CLEFA*. São Paulo: UPM/UEDEFAL/UDUAL, p. 255-257, 2001.
- POLANYI, M. *Personal knowledge: Towards a post-critical philosophy*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- RAE. *Panel criteria and working methods*. Londres: RAE, 2006.
- SAMPAIO, M. R. A. Teses e dissertações sobre habitação na pós-graduação da FAUUSP – 1972/1999. USP abre suas portas a São Paulo através de três novos edifícios. *Revista Pós*, São Paulo, n. 8, p. 100-115, 2000.
- SANOVICZ, A.V. A pesquisa na área de projeto. Natureza e prioridades In: SEMINÁRIO NATUREZA E PRIORIDADES DA PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO FAUUSP, 1990, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAUUSP, 1990.
- SCHÖN, D. A. *The reflective practitioner: How professionals think in action*. Londres: Arena, 1991.
- SCRIVENER, S. The practical implications of applying a theory of practice based research: A case study. *Working papers in art and design*, Hatfield, n. 3, 2004. Disponível em: <http://sitem.herts.ac.uk/artdes_research/papers/wpades/index.html>.
- SEGAWA, H.; CREMA, A.; GAVA, M. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e Design: A divergência de perspectivas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, 2003, p. 120-127.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Londres: Sage Publications, 1990.
- UKCGE. *Practice-based doctorates in the creative and performing arts and design*. Londres: UKCGE, 1997.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de D. Pears. Londres: Routledge, 1971.
- WOOD, J. The culture of academic rigour: does design research really need it? *The Design Journal*, Londres, n. 1, p. 44-57, 2000.

Obs.:

Este artigo se baseia naquele publicado originalmente sob o título “Architectural Practice and Academic Research”, no periódico internacional *Nordic Journal of Architectural Research*, v. 1, n. 29, p. 83-94. Somos gratos aos revisores da revista *Pós* pelas sugestões de como tratar algumas questões de tradução. Sempre que possível, tentamos encontrar termos equivalentes em português para a terminologia inglesa e incluímos, na Bibliografia, publicações em português, além das referências originais em inglês, buscando, assim, reconhecer a força da contribuição brasileira a esse debate, advinda, por exemplo, da FAUUSP. No entanto, não era a função do artigo original fornecer uma revisão da literatura em qualquer língua, tampouco sistematizar uma crítica à situação da pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual. Tal atividade crítico-analítica foi desenvolvida e está presente em um segundo artigo, “Eight Criteria for Practice-

based Research in the Creative and Cultural Industries”, publicado no periódico *Art, Design and Communication in Higher Education*, v. 1, n. 7, p. 5-18. Assim como no caso do artigo original, a função do presente artigo é diagnosticar onde tentamos introduzir o problema correntemente debatido na Europa e menos visível no Brasil, apesar de igualmente relevante. Nesta tradução, decidimos descrever, ao invés de rotular as questões, e, assim, abordar repetidas vezes as mesmas questões, a partir de uma série de diferentes pontos de vista, com o intuito de revelar aquelas características significativas dentro do debate que apresentamos. Assim sendo, o presente artigo difere ligeiramente do original em inglês, tendo como objetivo a descrição de uma rede complexa de questões as quais qualificam o conceito de pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual, tentando, desse modo, torná-lo visível no Brasil e facilitando sua discussão dentro da comunidade acadêmica nacional. Dessa maneira, tendo no presente artigo introduzido o tópico e apresentada a problemática que surge dentro do contexto descrito, em um segundo artigo analisamos, sistematicamente, essas questões e defendemos, pela argumentação formal, sua relevância para o acadêmico praticante projetual. Esse artigo é uma tradução do original inglês acima mencionado, a ser publicado na próxima *Pós*, em 2010, com o título “Oito critérios para a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual”.

Nota do Editor

Data de submissão: janeiro 2009

Aprovação: setembro 2009

Daniela Büchler

Arquiteta, mestre e doutora pela FAUUSP e PhD em Design, na Staffordshire University, Reino Unido. Atualmente, Daniela é *research fellow* na School of the Creative Arts da University of Hertfordshire, Reino Unido, é pesquisadora convidada no Grupo de Pesquisa Arquitetura: Projeto & Pesquisa & Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, e *guest scholar* no departamento de Architecture and Built Environment na Lund University, Suécia.
d.m.buchler@herts.ac.uk

Michael Biggs

Artista plástico (University of the Arts London), mestre em Escultura (Manchester Metropolitan University) e PhD (University of Reading). Professor titular em Estética (*professor of Aesthetics*) na University of Hertfordshire, Reino Unido, e *visiting professor* em Arts-based Research na University of Lund, Suécia. Em 1994 foi *senior research fellow* em Filosofia na University of Bergen, Noruega, eleito *fellow* da Royal Society of Arts e, em 2007, também *fellow* da Higher Education Academy.

Faculty for the Creative and Cultural Industries – University of Hertfordshire
College Lane, Hatfield
AL10 9AB – UK
00-44-1707-285341
m.a.biggs@herts.ac.uk